

A poética de Marília Garcia sob a perspectiva pós-autônoma

La poética de Marília Garcia desde la perspectiva postautónoma

Géssica Luiza Kozerski¹

Resumo

Este trabalho visa propor uma leitura da poética de Marília Garcia, interpretar e descrever alguns dos procedimentos que compõem sua escritura, com destaque para a relação entre os elementos do real e ficcional, uma vez que seus textos se constroem com associação entre o literário e outros gêneros audiovisuais, registro de acontecimentos cotidianos e narrativa oral. Para tanto, o trabalho se desenvolverá com a leitura de alguns poemas da referida autora, dialogando especialmente com a noção de literatura pós-autônoma cunhada por Josefina Ludmer que, na obra *Aquí América Latina: una especulación* (2013), teoriza sobre a liberdade das marcas do literário nas escrituras a partir dos anos 2000. Exemplificar-se-ão questões como maleabilidade das noções de autorreferência, tempo, espaço e território, bem como a investigação dos princípios que permitem compreender a forma da literatura contemporânea, desprendida de identidades fixas.

Palavras-chave: Estudos culturais; Literatura Latino-Americana; Literatura pós-autônoma; Poesia contemporânea.

Resumen

Este trabajo pretende proponer una lectura de la poética de Marília Garcia, interpretar y describir algunos de los procedimientos que componen su escritura, con énfasis en la relación entre los elementos del real y del ficcional, puesto que sus textos se construyen a partir de la asociación entre el literario y otros géneros audiovisuales, registro de acontecimientos cotidianos y narrativa oral. Para hacerlo, el trabajo se desarrolla con la lectura de algunos poemas de la dicha autora, dialogando especialmente con la noción de literatura postautónoma creada por Josefina Ludmer que, en la obra *Aquí América Latina: una especulación* (2013), teoriza sobre la libertad de las marcas del literario en las escrituras a partir de los años 2000. Serán ejemplificadas cuestiones como maleabilidad de las nociones de autorreferencia, tiempo, espacio y territorio, así como una búsqueda por los principios que permiten comprender la forma de la literatura contemporánea, sin identidades fijas.

Palabras clave: Estudios culturales; Literatura Latino-Americana; Literatura postautónoma; Poesía contemporánea.

1. Introdução

A poética de Marília Garcia se destaca no cenário contemporâneo. Em suas produções, o hibridismo entre gêneros se faz presente ao mesclar imagens, performance oral, hipertextos e estruturas narrativas. Tais traços, aliados às temáticas do cotidiano entremeadas à subjetividade sentimental e da memória, assim como a do fazer poético, rendem à escritora um notável reconhecimento. Poeta, ensaísta e tradutora brasileira, com sete títulos publicados desde 2001, além de textos escritos para revistas e outros canais, a autora reúne em suas produções características chave para compreender um novo movimento da literatura moderna, tanto

¹ Mestranda em Estudos Literários; Universidade Federal do Paraná (UFPR); Curitiba, Paraná, Brasil; gscluiza@ufpr.br.

brasileira quanto latino-americana. Objetivamos, desse modo, perceber quais os aspectos da produção da referida autora propõem uma ruptura com a estrutura formal da poesia e, para tanto, o aporte teórico irá explorar as noções de autoria, narrador e a influência da oralidade nos textos da escritora. Em seguida, a pesquisa entrará em diálogo com os estudos culturais a partir das propostas cunhadas por Josefina Ludmer que, em seu livro *Aqui América Latina: uma especulação* (2013), utiliza-se de observações sobre a sociedade, mídia, diálogos e a história política para compreender um novo movimento literário, que nomeia literatura pós-autônoma. Visamos, por conseguinte, elencar as disposições da crítica moderna, de modo que forneçam uma teoria que compreenda a expressão poética de Marília Garcia como representação de uma nova corrente cultural e literária.

2. [1, 2, 3, testando]

O título dessa seção remonta ao primeiro verso de “o poema no tubo de ensaio” (2018), texto em que a autora comenta sua técnica e as questões que surgem do contato com uma nova forma de escrever poesia. Garcia publica, em 2014, seu quarto livro: *Um teste de resistores*, que apresenta como primeiro poema “Blind light”. O texto em questão chama a atenção por diferenciarse de outros poemas que compõem os três primeiros livros, apostando em uma linguagem muito mais dinâmica. Foi escrito após a autora ser convidada para uma fala em um evento de literatura, que frente ao impasse de falar sobre seus poemas, inspirações e trajetórias sem de fato utilizar-se dos textos, decidiu por reunir os elementos em um único escrito, transformando a fala em um depoimento-ensaio-poema-performance. Os primeiros versos do poema se constituem da seguinte maneira:

poderia começar de muitas formas
e esse começo poderia ser um movimento ainda sem direção
que vai se definindo
durante o trajeto (GARCIA, 2016, p.11)

O poema experimental se define durante o trajeto, ganha corpo adicionando em seu conteúdo, além de elementos próprios da linguagem literária poética, informações como o tempo e espaço em que é apresentado, referências para a inspiração da poeta e experiências pessoais. Reúne as formas de repetição, cortes, vozes de outros sujeitos, vídeos e imagens. Possui, em alguns versos, inclusive reflexões sobre outros poemas da autora, indicação de outras páginas do mesmo livro e links para acesso de conteúdo em outras plataformas. Se trata, de fato, de uma inovação na linguagem poética, causando uma espécie de ruptura com seu procedimento de escrita anterior. Como reflexo dessa nova fase de sua escritura, as publicações seguintes apresentam o mesmo tom poético, reunindo elementos distintos e criando uma forma de metapoema. Um exemplo de referência ao próprio fazer poético é o epílogo da obra *Câmera Lenta* (2017), composto pelo poema “estrelas descem à terra (o que falamos quando falamos de uma hélice)” que, em dado momento, descreve uma reflexão sobre o movimento na linguagem:

o que era de fato
deslocar
na linguagem?
será que eu estava deslocando
ou só falando em deslocar?

[...]
eu queria falar sobre movimento e ação:
queria pensar em como o deslocamento
da linguagem caso da colagem e da citação
poderia nos levar a ver as coisas de forma diferente (GARCIA, 2017, p. 78-81).

A estilística que permeia a poética de Marília Garcia é repleta de elementos externos que dão condições para uma nova experiência literária, orgânica e de linguagem intrinsecamente ligada ao mundo exterior e outras manifestações artísticas. O poema “parque das ruínas” (2018), por exemplo, se constrói a partir da intenção de registrar um diário sentimental, reunindo reflexões poéticas, documentários, exposições de arte, bilhetes e outros elementos:

debret pintou o dia a dia
mas para ele esse dia a dia é pitoresco
e extraordinário

smoke e blow up
retratam o infraordinário
e de repente algo aparece:
algo que já estava ali

[...]
o diário 1973-1983 do perlov também trata do infraordinário
e parece quase tocar na vida (GARCIA, 2018, p. 38).

Além disso, as produções são frequentemente transpassadas por um eu poético que se confunde à figura da autora, uma vez que é possível encontrar registros banais do cotidiano, notícias e memórias, seja de feitos passados ou da própria escrita do poema, comumente oriundos de textos que inicialmente foram elaborados ou expandidos para performances específicas. Esta abertura à imagem real da poeta, que somada ao eu poético borra as fronteiras entre o lírico e o empírico, se soma às características previamente citadas que fazem a poética de Garcia se constituir de maneira que foge das predefinições teóricas tradicionais, exprimindo a necessidade de uma discussão a respeito da poesia contemporânea, marcada por sua organicidade, pela indefinição entre realidade e ficção e o borramento de fronteiras de tempo e espaço.

3. Literatura pós-autônoma

Além da presença ativa do narrador-autor e da oralidade, a inserção de recortes do cotidiano e a interseção de diferentes gêneros discursivos são traços relevantes na poética de Garcia. As apresentações dos poemas, quando realizadas pela própria autora, incluem fotografias, vídeos, telas de pintura e sonoridade, causando, como citado anteriormente, uma ruptura com a forma clássica da escrita e leitura de poesia. Essa forma de escrever, apresentar e publicar poesia pode causar estranheza, até mesmo o questionamento do leitor-espectador sobre o resultado ser ou não literatura.

Relativo a esta última proposição, Josefina Ludmer escreve *Aqui América Latina: uma especulação* (2013). Nessa obra, a autora argentina busca compreender o político, o sócio histórico, o cultural e o literário na América Latina a partir dos anos 2000. Em forma de diário,

registra suas constatações acerca das noções de temporalidades e territórios. Para Ludmer (2013), o tempo a partir dos anos 2000 se torna o tempo zero. Com a popularização da tecnologia, a distância de tempo se torna imperceptível, tudo está ao alcance o tempo todo, em sincronia. Essa nova configuração temporal passa a influenciar todos os aspectos da cultura latino-americana, incluindo a literatura.

Se nos séculos XIX e XX as fronteiras literárias estavam devidamente marcadas – o real e o fantástico –, no século XXI essas noções perdem sua precisão. A instantaneidade das coisas demanda uma nova organização temporal, demarcar a realidade cotidiana para reconhecimento do atual, ou nas palavras de Ludmer: fabricar um presente. Advém desse processo a inserção da marca de autoria, do cotidiano, dos recortes de notícias presentes na literatura contemporânea. Para situar o presente, é preciso justapor o passado e o futuro, representar um sentido, registrar a memória. A realidade se instala no ficcional para marcar o tempo da enunciação.

A partir dessa concepção, o texto literário desprende-se da noção de tempo e espaço. Pode conter passado, presente, futuro. Expor ou não a voz do autor, do lírico, ou múltiplas vozes. A esse conjunto de possibilidades, a autora sugere uma nova nomenclatura: literaturas pós-autônomas, como propõe o trecho a seguir:

Em alguns textos do presente que atravessaram a fronteira literária (que chamamos de pós-autônomos), é possível ver nitidamente o processo de perda da autonomia da literatura e as transformações que isso provoca. Cessam, formalmente, as classificações literárias, o que significa o fim das guerras, divisões e oposições tradicionais. [...] Assim como acaba a diferenciação literária entre realidade (histórica) e ficção. Já não é mais possível ler esses textos com ou nesses termos; são as duas coisas, oscilam entre as duas ou as desdiferenciam. (LUDMER, 2013, p. 132)

Dessa maneira, regidos por uma nova concepção de tempo, espaço, identidade e autorreferência, as literaturas pós-autônomas têm a liberdade de exibir ou não as marcas do literário. Para a estudiosa argentina, esses traços dependerão de “[...] como, ou a partir de onde, é lida a literatura atualmente” (ibid., p. 133). É possível, para a literatura contemporânea, desprender-se do exclusivamente literário, serem produzidas, utilizarem-se e invadirem outros espaços. Desvinculem-se de uma etiqueta definitiva sobre serem realidade ou ficção. Para esse procedimento, a autora utiliza o termo “realidadeficção”, evidenciando que o texto possui a liberdade para circular entre as fronteiras do real e do imaginado:

Esses textos diaspóricos não só atravessam a fronteira da “literatura”, mas também da “ficção”, permanecendo fora-e-dentro das duas fronteiras. Isso ocorre porque reformulam a categoria de realidade, daí não poderem ser lidas como mero realismo, em relações referenciais ou de verossimilhança. [...] Saem da literatura e entram na “realidade” e no cotidiano, na realidade do cotidiano. [...] Absorve e funde toda a mimese do passado, a fim de constituir a ficção ou as ficções do presente. Uma ficção que é “a realidade”. (ibid., p. 129, grifo do autor).

Com efeito, a poética de Marília Garcia permite ser lida sob essa perspectiva da interseção entre real ou ficcional. As noções de narrador, autor, oralidade se misturam à intertextualidade e ao tempo histórico, exprimindo a necessidade de uma discussão a respeito da poesia contemporânea, marcada por sua organicidade.

Referências

GARCIA, M. *Um teste de resistores*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. 122 p.

_____. *Câmera lenta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 96 p.

_____. *Parque das Ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018. 94 p.

LUDMER, J. *Aqui América Latina: Uma especulação*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 183 p.